



Cadernos
de pesquisa interdisciplinar
em ciências humanas

ISSN 1678-7730 Nº 91 – FPOLIS, JULHO DE 2008.

Freud e a identidade de Shakespeare

Rafael RAFFAELLI

Editor

Prof. Dr. Rafael Raffaelli

Conselho Editorial

Prof. Dra. Carmen Rial

Prof. João Lupi

Prof. Dr. Héctor Ricardo Leis

Profa. Dra. Júlia Silvia Guivant

Profa. Dra. Miriam Grossi

Prof. Dr. Selvino José Assmann

Editora Assistente

Naira Tomiello

Secretário Executivo

Angelo La Porta

Freud e a Identidade de Shakespeare

RAFFAELLI, Rafael

RESUMO: É analisada a alegação de Sigmund Freud de que a verdadeira identidade de William Shakespeare seria Edward de Vere, Conde de Oxford. São apresentados argumentos contra essa alegação, buscando entender a razão do apego de Freud por essa teoria.

Palavras-chave: 1. Freud; 2. Shakespeare; 3. Edward de Vere

ABSTRACT: Sigmund Freud's allegation that the true identity of William Shakespeare is Edward de Vere, Earl of Oxford, is analyzed. Arguments against this allegation are presented, trying to understand the reason why Freud was so attached to this theory.

Keywords: 1.Freud; 2.Shakespeare; 3.Edward de Vere



Sigmund Freud era fascinado por Shakespeare, pela pessoa e pela sua obra.

Em que pese essa fascinação, Freud chegou a aderir à teoria que o bardo de Stratford não era ele mesmo, e sim Edward de Vere, o 17º Conde de Oxford.

Mas quando se formou essa convicção controversa, já criticável à época, e ainda mais hoje em dia?

Embora Freud tenha inicialmente mantido a opinião tradicional sobre a identidade de Shakespeare, sua opinião alterou-se no decorrer de sua vida.

A primeira menção ao seu novo entendimento a respeito dessa questão ocorreu numa nota de seu texto autobiográfico de 1925:

Não creio mais que William Shakespeare, o ator de Stratford, tenha sido o autor das obras que há tanto tempo tem sido atribuídas a ele. Desde a publicação do volume de J.T.Looney, *'Shakespeare' Identified* [1920], estou quase convencido de que de fato Edward de Vere, Conde de Oxford, se acha oculto por trás desse pseudônimo. (Freud, 1925/1987: 80n1)

Quando Freud enviou essa nota adicional para o editor de sua tradução inglesa, James Strachey, este ficou chocado com o conteúdo e manifestou a Freud que tal acréscimo deveria ser expurgado em prol da própria imagem de Freud frente ao leitor inglês médio.

Freud lhe respondeu, numa carta datada de 29/08/1935, que preferia que a nota fosse mantida, mas se por ventura ofendesse o narcisismo inglês, poderia ser retirada ou atenuada. De qualquer modo, insistia em manter essa nota na edição norte-americana.

No tocante à nota de Shakespeare-Oxford, sua proposta me coloca na posição inusitada de mostrar-me um oportunista. Não posso compreender a atitude inglesa quanto a essa questão. Edward de Vere por certo foi um inglês tão autêntico como Will Shakespeare. Mas visto que o assunto se acha tão afastado do interesse analítico, e visto que você dá tanta importância a que eu me mostre reticente, estou pronto a eliminar a nota, ou apenas inserir uma frase como "Por motivos particulares não desejo mais dar ênfase a esse ponto". Você mesmo resolva isso. Por outro lado, gostaria que a nota fosse mantida na íntegra na edição norte-americana. A mesma espécie de defesa narcísica não precisa ser temida ali. (Freud, 1925/1987: 80n1)

Em função disso, a edição inglesa da obra de Freud não contém a nota original mas a frase: “*Tenho motivos particulares para não desejar mais dar ênfase a esse ponto*”. (Freud, 1925/1987: 80n1)

Em 1930, ele acrescentou uma nota à sua obra de 1900, *A Interpretação dos Sonhos*, afirmando que: “*A propósito, nesse meio tempo, deixei de crer que o autor das obras de Shakespeare tenha sido o homem de Stratford*”. (Freud, 1900/1987: 260)

No mesmo ano ele discursou em Frankfurt, por ocasião do recebimento do Prêmio Goethe, afirmando:

Inegavelmente, é penoso para todos nós que ainda hoje não saibamos quem foi o autor das Comédias, Tragédias e Sonetos de Shakespeare, se foi de fato o filho inculto do cidadão provinciano de Stratford, que atingiu modesta posição como ator em Londres, ou se foi, ao contrário o aristocrata de nascimento e alta instrução, apaixonadamente inconstante, até certo ponto *declassé*, Edward de Vere, Décimo Sétimo Conde de Oxford, Grande Lorde Camareiro Hereditário da Inglaterra. (Freud, 1930/1987: 244-245)

Em carta a Richard Flatter, de 20/09/1932, comentando a autoria dos *Sonetos* de Shakespeare, ele coloca:

O conteúdo [dos *Sonetos*] tem sido usado para determinar a identidade do poeta, que ainda é duvidosa. Tenho à minha frente um livro de Gerald H. Rendall: *Shakespeare's Sonnets and Edward de Vere*, 1930. Expõe a tese de que esses poemas foram dirigidos ao Conde de Southampton e escritos pelo Conde de Oxford. Estou de fato quase convencido de que ninguém mais além desse aristocrata foi nosso Shakespeare. À luz dessa concepção, os *Sonetos* se tornam muito mais compreensíveis. (Jones, 1989: 442)

Outra carta escrita em 25/03/1934, dirigida agora a James S.H. Bransom, volta a tocar na questão, desta vez argumentando sobre as possíveis similaridades entre a narrativa do *Rei Lear* e aspectos da vida do Conde de Oxford:

Já tomei a liberdade de indicar-lhe minha convicção sobre a identidade de Shakespeare com Edward de Vere, o 17º Conde de Oxford. Vejamos se essa suposição contribui em algo para a compreensão da tragédia. Oxford realmente teve três filhas que cresceram (outras crianças morreram cedo, inclusive o único filho): Elisabeth, nascida em 1575; Bridget, em 1584 e Susan em 1587. Chamarei sua atenção para uma marcante mudança que Shakespeare fez em seu material. Em todos os relatos das fontes, as filhas

estão solteiras na época da prova de amor e se casam apenas depois. Em Shakespeare, as duas filhas mais velhas estão casadas nessa época (Goneril já grávida) e Cordélia ainda solteira. Quando datamos a redação de Lear – seguramente com correção – dos últimos anos do poeta, temos uma surpreendente concordância. Elisabeth casou com Lorde Derby em 1595; Bridget casou-se com Lorde Norris em 1599. Como Oxford morreu em 1604 e Susan, nossa Cordélia, casou-se com Lorde Pembroke apenas em 1605, ela permaneceu solteira durante toda a vida de seu pai. Temos, naturalmente, de aceitar que Lear foi escrito depois de 1599 e antes de 1604. (Jones, 1989: 443)

Freud, argumentando em favor do Conde de Oxford, estabelece comparações entre o enredo da tragédia shakespeariana *Rei Lear* e a vida familiar do mesmo. Apesar de encontrar similaridades quanto à questão do casamento entre as filhas de Oxford e as do Rei Lear, ele esbarra num problema: Oxford morreu em 1604, antes que a peça tivesse sido escrita.

A primeira apresentação oficial do *Rei Lear* teve lugar na corte do Rei Jaime I durante os festejos de Natal do ano de 1606, embora possa ter sido representada no *Globe Theater* anteriormente. Especialistas acreditam que as duas eclipses – uma solar e outra lunar - citadas no texto da peça tenham sido motivadas por eventos reais ocorridos em setembro e outubro de 1605; portanto, o mais provável é que a composição do *Rei Lear* tenha começado na primavera ou verão de 1605, possivelmente um pouco antes. (Halio, 2001: 1)

Tentando dar conta dessa questão incômoda, Freud busca uma solução:

Quando se compara a data da morte de Oxford (1604) com as datas de publicação e o estado do texto, supõe-se que o poeta não acabou uma peça após a outra, mas por um longo período trabalhou em muitas ao mesmo tempo, de modo que muitas não estavam completas quando de sua morte. Foram então de algum modo completadas por seus amigos e colegas e preparadas para apresentação e publicação. (Lorde Derby, seu primeiro genro – a ser equiparado a Albany em Lear e Horácio em Hamlet – é o nome de um primo predileto de Oxford, Horatio de Vere). (Jones, 1989: 444)

Entretanto, essa proposta de solução revela-se mais complexa que a própria questão inicial: quem escreveu a obra de Shakespeare? Agora, além do Conde de Oxford, surgem outros *ghostwriters* que teriam completado o restante

das peças escritas após 1604; evidentemente, por motivos de parcimônia, esse argumento não se sustenta.

Em duas notas subseqüentes, Freud reafirmou essa posição.

A primeira nota aparece em referência à questão do 'gênio', em *Moisés e o Monoteísmo* (1939):

É bem sabido que o gênio é incompreensível e irresponsável; portanto, não devemos trazê-lo à baila como explicação até que toda outra solução nos tenha falhado. [Nota] Essa mesma consideração aplica-se também ao caso notável de William Shakespeare, de Stratford. (Freud, 1939/1987: 83)

A derradeira referência ao assunto, aparece em seu texto *Esboço de Psicanálise*, editado postumamente em 1940:

O nome "William Shakespeare" é muito provavelmente um pseudônimo por trás do qual um grande desconhecido jaz oculto. Edward de Vere, Conde de Oxford, de quem se pensou ser passível de identificação com o autor das obras de Shakespeare, perdeu um pai amado e admirado quando ainda era menino e repudiou completamente a mãe, que contraiu um novo casamento logo depois da morte do marido. (Freud, 1940/1987: 220)

Freud persiste em sua tentativa de encontrar similaridades entre a obra de Shakespeare – no caso, *Hamlet* – e a vida do Conde de Oxford. Contudo, seus argumentos voltam a esbarrar no mesmo problema, de solução duvidosa, anteriormente apontado: a data da morte de Oxford.

CONCLUSÃO

Como compreender a fixação de Freud numa temática – como ele mesmo notou – tão distante da Psicanálise e ainda mais a sua adesão a uma tese tão controversa, hoje já completamente desacreditada, sobre a verdadeira autoria da obra shakespeariana?

A tese sobre a autoria das obras pelo Conde de Oxford foi aventada em 1920 por Thomas Looney, mestre-escola aposentado, que é inclusive citado no

epistolário freudiano; partindo de premissas questionáveis, fazendo comparações indevidas, Looney chega a resultados espúrios. Ele comparou alguns poemas de autoria do Conde de Oxford com *Vênus e Adonis* de Shakespeare e concluiu que apresentavam temática semelhante; no entanto as temáticas eram repetidas não por uma coincidência significativa, mas por ser o costume da época exercitar-se poeticamente sobre os mesmos motivos.

A tese sobre o Conde de Oxford, embora ainda tenha seguidores, não se mantém por várias razões, entre elas: 1. as peças foram escritas por alguém que dominava o latim e o conde não possuía esse atributo; 2. as peças demonstram conhecimento da política da época do rei Jaime, quando o conde já estava gravemente enfermo; 3. o conde morreu em junho de 1604 e várias peças foram redigidas após essa data; 4. as peças revelam conhecimentos adquiridos na escola elementar (*grammar school*), de trabalhos manuais e prática teatral, elementos que não faziam parte da educação e da vida de um nobre. (Bate, 2004: 141-142)

Freud apresentou argumentos em sua carta a Bransom que buscavam solucionar parte dessas dificuldades, mas seu raciocínio é tortuoso e pouco convincente, e as evidências atuais negam essa suposição.

A argumentação a favor de Oxford é aproximadamente a seguinte: as peças foram evidentemente escritas por um homem culto e Shakespeare era de uma família de analfabetos e ignorantes de uma localidade atrasada. As peças revelam um conhecimento íntimo da política elisabetana de altas esferas e intrigas da corte, enquanto Shakespeare era um humilde ator. As peças têm a marca de um gênio, de um grande ser humano, e os registros documentais da vida de Shakespeare mostram-no como um homem sem grandeza, preocupado com coisas mesquinhas como driblar a cobrança de impostos e obter lucros fáceis em negócios imobiliários. É claro que os “oxfordianos” preocuparam-se tanto com os defeitos do homem de Stratford que se esqueceram de avaliar os do conde Edward. (Bate, 2004: 124)

Não é por acaso que as teorias sobre as supostas identidades alternativas de Shakespeare tenham principiado no século XVIII, quando foi reconhecido como um dos maiores gênios artísticos de todos os tempos, iniciando-se a “bardolatria” que perdura até nossos dias.

Mas a 'genialidade' do autor, como Freud se referiu, seria o derradeiro argumento; assim é de se esperar, seguindo seu raciocínio, que a educação superior e a origem social das pessoas as preparem melhor para desenvolver seus talentos de forma adequada. Segundo esse ponto de vista, uma pessoa do povo dificilmente poderia se transformar num cânone literário da envergadura de Shakespeare; daí surge a idéia de que algum nobre ou outro literato de formação erudita se ocultaria atrás desse pseudônimo.

Shakespeare nunca existiu ou ao menos não escreveu suas obras? Será que isso, no fundo, não oculta uma visão conservadora e elitista sobre as artes?

Freud foi um conservador, tanto em termos políticos quanto em termos artísticos. Observava com pessimismo os acontecimentos revolucionários na Rússia e também desprezava a arte moderna, que não compreendia; mesmo os Surrealistas – que eram seus admiradores – não mereceram melhor acolhida. Também o cinema, arte do século XX, era por ele considerado como uma brincadeira extravagante.

Sua descrença em Shakespeare parece coadunar-se com essa visão conservadora, que em mais de uma ocasião lhe levou a equívocos de interpretação.

À guisa de ilustração, formulemos um argumento por redução ao absurdo: será que daqui a três séculos um leitor mal-informado ou um historiador novidadeiro poderia vir a argumentar que a obra de 'Sigmund Freud' não foi escrita por ele?

Baseando-se apenas nos mesmos argumentos de Freud – e descontando-se toda a produção iconográfica – poderia ser indagado: como um judeu de classe média, nascido numa cidadezinha da periferia de um império que há muito deixou de existir, educado em colégios públicos, poderia escrever uma obra tão inovadora e extensa, que tanto influenciou o pensamento do século XX?

Não seria 'lógico', então, pensar que foi algum médico pertencente à elite social da época – oriundo de família nobre e cristã, com educação refinada – que, para preservar sua reputação frente à opinião pública, serviu-se de um médico desconhecido para divulgar suas teorias revolucionárias sobre a sexualidade?

Nesse futuro distante, à luz desses argumentos falaciosos, se poderá supor que foi outro o verdadeiro criador da Psicanálise e que um homem chamado 'Freud' talvez sequer tenha existido.

O raciocínio pelo absurdo nos reconduz ao ponto de partida e a uma conclusão paradoxal: ao duvidar de Shakespeare, Freud daria a outrem razões para duvidar dele mesmo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BATE, J. (2004). Cenas do nascimento de um mito e da morte de um dramaturgo. In *O Rosto de Shakespeare*. Rio de Janeiro: Record.
- FREUD, S. (1900). A Interpretação dos Sonhos. In *Obras Completas*, v.IV. Rio de Janeiro: Imago, 1987.
- FREUD, S. (1925). Um Estudo Autobiográfico. In *Obras Completas*, v.XX. Rio de Janeiro: Imago, 1987.
- FREUD, S. (1930). Discurso Pronunciado na Casa de Goethe em Frankfurt. In *Obras Completas*, v.XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1987.
- FREUD, S. (1939). Moisés e o Monoteísmo. In *Obras Completas*, v.XXIII. Rio de Janeiro: Imago, 1987.
- FREUD, S. (1940). Esboço de Psicanálise. In *Obras Completas*, v.XXIII. Rio de Janeiro: Imago, 1987.
- HALIO, J.L. (2001). Introduction. In *The Tragedy of King Lear*. Cambridge: CUP, 2001.
- JONES, E. *A Vida e a Obra de Sigmund Freud*. v.III. Rio de Janeiro: Imago, 1989.